

Despandemização: Roteiro de trauma

De-Pandemization: Script of a Trauma

Dr. Rafael de Oliveira Lattanzi
Vaz – Instituto Nacional de
Metrologia, Qualidade
e Tecnologia - Inmetro
rafaelolvaz@gmail.com

Data de recebimento: 21/09/2020
Data de aceite: 12/10/2020

1 Introdução

A pandemia é um roteiro de angústia coletiva. Enquanto fato, constitui-se numa rede bem ampla de compartilhamento de dados sobre agente biológico classe de risco 3, conforme *Classificação de Risco de Agentes Biológicos* (2017) publicado pelo Ministério da Saúde. O vírus Sars-CoV-2 tem alta taxa de propagação, pode causar grave enfermidade respiratória, levando a óbito, além de fixar-se em outros órgãos e deixar sequelas. As certezas e as dúvidas, como em toda controvérsia científica, são muitas. Apesar disso, restam consensos sobre a necessidade de distanciamento social, uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual (EPIs), além da necessidade de quarentenas para diminuir curvas de contaminação e permitir o atendimento médico da população infectada.

No início, prenunciava-se já, pela fragilidade do sistema de saúde de alguns países, o enfrentamento a diversas contradições do *status quo*. Como peça trágica, conferiria nova imagem-identidade aos indivíduos, propagando-se mediante latente confusão de sentimentos. A esse processo, chamo **pandemização**.

Ocorre, no entanto, um efeito inverso, violento, denominado **despandemização**. Alimentado pela negação e pela introjeção massiva de reforços de desinformação, provoca o rompimento da pandemização, colocando o indivíduo e o coletivo em situação de risco.

A fim de esclarecer as ideias desenvolvidas no presente ensaio, identifico a divisão entre **pandemização** e **despandemização** pelo seu efeito descritivo e narrativo. Com essa finalidade, entremeio relatos em primeira pessoa e discussão filosófica, ilustrando o movimento de amplas inquietações de foro íntimo. Os relatos procuram reproduzir os problemas, hipóteses e demais ideias no fluxo em que se situaram.

Saliento, contudo, não acreditar em categorias polarizantes exaustivas, haja vista a impossibilidade de se conduzir testagem para além das observações aqui relatadas.

2 Insônia

Acordei durante dois dias antes das 5 h da manhã, não sei que horas. Peguei o celular, o Kindle, os óculos, e saí do quarto, ainda escuro. Abri a esteira, tirei os chinelos e me ajoelhei. Abri o aplicativo de yoga no celular. Escolhi um treino: *nidra*. Nível Iniciante 2. Sem impulso específico.

Eu assinei um aplicativo de yoga. Iniciei a prática e ela é lenta. Estava agitado demais para isso. Troquei para *vinyasa*. Cão olhando pra baixo. *Chaturanga*. Cão olhando pra cima. Cão olhando pra baixo. *Chaturanga*. Segui as repetições dos *ásanas* até o repouso: *savasana*. Todos os músculos relaxando, a pulsação diminuiu, são 5 h da manhã, eu consigo cochilar.

Uma rotina diferente se acomoda não sei mais de quanto em quanto tempo. Antes acordava e ficava ansioso para voltar a dormir. Depois, o yoga. Três dias depois voltei a dormir à base de medicação e chá de camomila. Todo final de tarde também pratico exercícios físicos. Incluí o yoga no lugar do alongamento. Recebi um e-mail há alguns meses, ou semanas, ou dias, dos desenvolvedores. Manterão o acesso gratuito até janeiro para brasileiros, porque nossa situação na pandemia é “bem ruim”.

Decidi não pedir reembolso. Não espero, contudo, qualquer forma de plenitude, positividade ou iluminação durante a pandemia. As decisões têm um caráter de provisoriedade, mas, sutilmente, começam a reformar hábitos. E, mesmo assim, é difícil estabelecer qualquer senso de rotina durante a pandemia. Qualquer forma de tentar estabelecer uma rotina é vã. Estou exagerando?

Estava melhor da gastrite. De semanas para cá, voltei a ter refluxo gástrico e azia. A garganta incomoda e, nessas horas, pergunto-me se não estou contaminado. O estômago está entre as áreas afetadas. Outro dia estive febril.

Eu deveria parar o café.

Iniciei o isolamento social e o teletrabalho dia 17 de março de 2020. Mantive uma rotina para não perder o prumo: acordar cedo, tomar café, banho, roupa, trabalho no horário, exercícios físicos no final do expediente. Uma esperança de diminuir curvas e não se render à pressão. Contava os dias, conversava por videoconferência com os amigos, com os familiares. Adaptar os processos, participar de videoconferências semanais com colaboradores, ver-me obrigado a ceder meu Whatsapp para os colegas de trabalho, assistir e participar de *lives*. O senso de público e privado se esticou para dentro da sala. Meu trabalho demanda a webcam e custos adicionais de Internet, luz, água. Consigo manter as contas em dia. O drama do panóptico chegou à resolução 4K. Sem previsões, lidamos com as incertezas. Respirar é preciso.

Uma doença nova, processos novos de conhecer, a ciência¹ atuando como grande protagonista. Não há como negar uma pandemia, um fato. As redes de *fake news*, os painéis, as manifestações, o número de mortos aumentando exponencialmente, intrigas palacianas, muito jogo de espelhos. Assustam-me o noticiário e as redes sociais. Tantas coisas desnorteantes aconteceram que só consigo relatá-las em bloco – e com lacunas repletas de lacunas.

Vejo a insônia piorar. No corredor de casa, à noite, avanço com medo do escuro – devo estar à flor da pele. Todo o descontrole saiu do controle. Vejo ruas, praias, bares e hospitais lotados. Antes, o trabalho remoto. Depois, a vida remota. Agora, o desalento. Não imaginava ver tudo se fraturar tão rápido.

1 Ciência (s.f.) Conjunto de definições de objetos, práticas, léxicos e processos constituintes de certo modo de produção e disseminação de conhecimento. Caracterizada como sistemática e rigorosa, reúne-se em torno de muitas outras características e princípios. É historicamente herdeira de dinâmicas ocorridas ao longo da Europa moderna. Capilarizada em instituições públicas e privadas, referimo-nos a ela no singular quando procuramos evocar essa multiplicidade de áreas, atores, histórias, espaços, tempos e resultados. Tem uma inter-relação muito grande com a **tecnologia** de maneira a não conseguirmos observá-las agindo em separado “quando em ação”. É controversa, patriarcal, academicista, elitista e seleciona seus problemas a partir de influências cognitivas e não cognitivas. Ainda assim, é uma das maneiras mais confiáveis de conhecer o mundo e interferir nele.

3 Pandemização

Pandemizar-se é algo difícil. Se uma pandemia é, seguindo a cartilha da Organização Mundial de Saúde, um agente biológico atingir todos os continentes do mundo, pandemizar-se é existir, em todas as dimensões existenciais humanas, num cenário de riscos e incertezas cognitivas, afetivas, culturais, sanitárias, éticas, políticas, econômicas etc.

Pandemizar-se é, isoladamente, existir em coletividade num ambiente hostil. Por isso os parâmetros de existência se coletivizam. Nesse sentido, denomino de **fato pandêmico** a afirmação desse conjunto de referências da experiência coletiva. O fato pandêmico não é a pandemia, mas sua representação no imaginário.

Pandemizar é penoso. Inusitadamente, a pandemia nos trouxe a existir fora do espaço-tempo denominado “normalidade”. Esse cenário de acomodação de objetos e fenômenos, revestido de cronogramas, valores e regras, perde seu contato com o mundo das existências. Por isso, a primeira sensação do pandemizado é a de resgatar o tempo a si. A convivência pelos revestimentos do pré-fato pandêmico não se faz possível, perdendo sentido, pouco a pouco, no decorrer do calendário. O tempo de si passa a tomar todo o entorno, ainda que no compromisso da videoconferência.

Uma vez que a vivência da pandemia é em isolamento, ela reduz o escopo de alternativas ao confrontar o tempo de si. A impossibilidade de cumprir quarentena não retira alguém da pandemização, mas abre uma classe diferente de defrontamento. Independente da natureza do resgate, tal atitude é sempre uma afirmação, seja como fenômeno, seja como direito.

Em resumo: pandemizar-se é o defrontamento do tempo de si em relação ao fato pandêmico.

4 Thaumata

O propósito é realizar um ensaio filosófico sobre a pandemia e eu só consigo expressar desabafos. Desabafos geram páginas, mas as reflexões filosóficas válidas de serem lidas estão além das minhas próprias inquietações? Neste momento da pandemia, estamos nós, filósofos, mostrando que não filosofamos isolados? O isolamento nos conecta a partir das inquietações? Toda ciência e toda filosofia será, neste momento, uma grande inquietação. Não tardou, portanto, os gregos aparecerem. Sem *thauma*, sem Filosofia? Eis um roteiro para dedicar muito tempo.

A crise e as questões fundamentais: será cinismo pensar que estamos à beira da extinção? Para começar, nós sempre vivemos “à beira”, “nas bordas”. O íntimo, o núcleo, enquanto questão, enquanto entranha, não nos pertence sem fazer-se crise. Agora conseguirão empurrar esse “novo normal” nas entranhas das pessoas. “Novo normal” é uma forma cretina de afirmar contradições como algo aceitável. Acomodar desigualdades sociais, étnicas, raciais, de gênero, de sexualidade, um sem-número de outras, na rotina, de modo a ficarem confortáveis tanto no *home office* de agora quanto no coletivo lotado de antes.

Para alguns não houve antes e depois. Houve um alerta e as ruas ficaram vazias. De repente, o entregador começou a aparecer mais à sua porta que um parente, uma amiga. Para o entregador, não houve antes e depois. Houve uma noite de sono. Para ele o depois veio quando todas as exigências se resumiram a álcool gel e máscara. Ganhando centavos por entrega, como acomodar o novo normal na bicicleta do aplicativo?

Este ensaio perde e retoma seu fio condutor, assim como a percepção do calendário. O texto não está formulado corretamente. Todo o meu pensamento orbita em torno dessa ideia: nada está formulado corretamente. Eu me pergunto quem está pensando corretamente e é imediato: invejo sinceramente quem o consegue.

Odeio novo normal. Sequer gostava do normal como era antes.

5 Extinção

Li na BBC online o sociólogo Jeremy Rifkin dizer que estamos à beira da extinção e as pessoas não se dão conta. Eu nunca li nada do Jeremy Rifkin para saber o que ele considera “extinção”. Contudo, acompanho seu raciocínio e questiono: a raça humana é capaz de perceber sua predisposição ao fim e, ainda assim, ignorá-lo?

O Relógio do Juízo Final marca 100 segundos para meia-noite, segundo última atualização do *Bulletin of Atomic Scientists* da Universidade de Chicago. Criado em 1947 como forma de ilustrar o perigo da guerra nuclear, é mantido como prognóstico de uma catástrofe humana dizimar a vida na Terra. A crise climática, questões relacionadas à segurança cibernética e biossegurança interferem no funcionamento do “mecanismo”. Martin Durrani, do periódico *Physics World*, se pergunta como a pandemia de Covid-19 influenciará na posição dos ponteiros.

A poucos segundos da extinção, como não há pânico generalizado?

Creio haver um desequilíbrio entre excessos: excesso de dados e excesso de desinformação. A extrapolação disso é o excesso de dados enganosos. Um exemplo é a subnotificação ou utilização de testes com margens de erro acima das margens de acerto. Evitar o pânico decorre do estilo, de um ambiente cujas condições oferecem alento e uma mínima possibilidade de segurança.

6 Despandemização

A despandemização encarna o imperativo de que “se conformar e entrar na fila” é parte de integrar uma sociedade – e mesmo conformar-se com e ao absurdo. Logo, se há como pandemizar, haverá seu contraponto. Provocar esse movimento depende de imprimir algumas tensões no fato pandêmico, especialmente o de que todas as coisas podem ser negadas.

A negação desponta porque contradições inerentes e evidentes ocorrerão nos núcleos sociais, seja naqueles cuja solidariedade ocorre por força de convicções políticas, seja nos baseados em laços de afeto. Consequentemente, os efeitos sobre a família, o trabalho e demais relações sociais em geral soarão drásticos e penosos. A negação será reafirmada através de atos públicos, em conjunto com a exploração dos comprometimentos cognitivos e afetivos provocados pela pandemia. Podemos aduzir, em grande medida, a permeabilidade de ferramentas de massificação de desinformação nesse fenômeno. O cerne das estratégias é provocar incêndios e transferir os focos, sem permitir a contenção das chamas.

A despandemização é um processo sutil, cumulativo e depende da gestão do dissenso. A perplexidade, a angústia, a inquietação, as frustrações, os medos, as incertezas; toda sorte de desconforto, violência ou eliminação deve ser conjugada a camadas de desinformação. Somente a partir daí, pode-se instaurar a dúvida como consenso.

A pandemia só pode avançar até o limite do individualismo estar sob ameaça pelo tédio de si, a ponto de negar todas as incertezas associadas ao fato pandêmico. A ilusão da *aestesis* como alento despropositou todo movimento cognitivo e afetivo, esvaziando a pandemização através de atitude coletiva desinformada, guiada pelo dissenso e provocando violência ética e atentado à vida.

A urgência pela “nova normalidade” chega às vias de fato na despandemização.

6.1 Dúvida

Para levar a efeito a despandemização, traçam-se diversas estratégias conjugadas, dentre elas a manipulação da dúvida. A premissa afirma toda dúvida válida. Em sentenças simples: se você não viu, então aconteceu? Ou, se aconteceu, mas eu não vi, é preciso conferir. Se eu não vi, nem você, vamos conferir, mesmo havendo prova em contrário.

Qual conjunção de falácias é suficiente para explicar o equívoco? O argumento pretende negar o conhecido ou desconhecido, gerando dúvida e desconfiança sobre o autor e as informações. Há, porém, um componente insólito de desagregação: o encurtamento do processo de raciocínio a partir do desmonte da dúvida como ponto de partida de investigação. Se o objetivo tradicional da falácia é a persuasão e a Nova Retórica preconiza a adesão, a gestão da discórdia intencionalmente pensada e orquestrada é fazer do dissenso um consenso. Para causar dissenso, a verdade ou falsidade do argumento não é essencial, logo, deve haver consenso sobre a dúvida, mas não sobre a resposta.

Concentrar a formação de consenso nas mãos do interlocutor, e não do argumento, exige retóricas capazes de rápidas, porém curtas, cadeias de raciocínio. A capacidade de negar e afirmar consensos a partir da menção da dúvida permite manipular consensos desejados. Qualquer resposta oferecida será satisfatória, mesmo na existência de prova em contrário. Seja para apagar violências ou dados científicos, é preciso fazer do dissenso um consenso: deve-se duvidar de tudo e de todos o tempo todo. É algo aparentemente simples, porém, bastante sofisticado.

7 Ética do tempo

O tempo sempre foi parafraseado como valor. A velocidade dos tempos digitais, os fluxos e influxos de informação e desinformação, o imediatismo latente nas dinâmicas de individualismo: não basta ser a grandeza física mais bem padronizada em unidade de medida metrológica; tempo é também **comoditizado**.

A dinâmica pré-pandêmica sustentava a fruição do tempo sobre a falácia meritocrática: todo o tempo é exato e preciso para ser disposto a todos. Só terá mais tempo quem cumprir com normas de desempenho suficientes para merecê-lo. Do contrário, não é o tempo que é mal distribuído, mas o cidadão foi, no mínimo, incapaz de bem administrá-lo. Nesse contexto, é impensável uma fruição do tempo, porque fazê-lo exige evidenciar como é concentrado e mal distribuído, independente da sua gestão. Para fruir, é preciso negar a distribuição do tempo por princípios de desempenho. É preciso negar a cláusula de propriedade sobre o tempo.

Para sobreviver, deve-se pensar numa ética para o tempo.

A ética do tempo deve começar no reconhecimento das contradições inerentes ao tempo como algo **possuído** e não como algo **experienciado**. Ainda que um objetivo nobre, a ética do tempo somente é possível pela ocupação disciplinar do tempo, mesmo aquele que nos é negado. Isso não deve se confundir com uma disciplina estrita, uma socialização disciplinar do tempo, mas como a invasão e posse de um bem deixado à míngua para apodrecer. Por esse motivo, o tempo a ser ocupado é o tempo compartilhado.

Para resistir, antes de tudo, é preciso uma ética do tempo. A resistência preconiza desligamentos afetivos e maior atividade reflexiva. Exige melhor administração compartilhada do tempo para a necessária checagem de informações ou para empreender o diálogo, cujo tempo de duração será maior dada a necessidade de se retornar à ludicidade.

A ética pelo tempo não é um aplicativo de gerenciamento de tarefas, mas uma ética pela coletivização da metafísica. A isso se pede o retorno à contemplação, ao caminho do pensamento como força motriz do conhecer, e não processo de produção de soluções. Uma ética utilitarista não tem lugar na ética do tempo.

Por fim, a ética do tempo não se pressupõe agradável. O bem do tempo não se confunde com a *aestesis* sensorial propagada na produção de prazer, mas com a experiência de processos de desintoxicação.

Os valores dessa ética devem ser afirmativos. Despandemizar, mais que negar, incorre em danos no exercício das funções afetivas. Encontra-se numa ordem de existência plenamente capaz, embora profundamente danificada. O exercício da abstração, quando não condicionado para a execução do raciocínio utilitário, é reduzido. Mesmo um atleta matemático estará incapacitado se os problemas apontados ou as hipóteses levantadas estiverem para além da nuvem dos termos aceitos.

Mais do que nunca, para resistir, os valores éticos básicos e os direitos humanos devem estar sempre ao alcance do pandemizado, ainda que a dinâmica de reatividade esteja presente. Tendo essas e outras violências em mente, pandemizados precisam se proteger a partir de uma ordem de reflexão e ação diferentes. Para refletir e agir, é preciso compreender o tempo de tráfego das informações e das reações em relação aos comprometimentos cognitivos e afetivos.

8 Trauma

Se pandemizar é tão penoso, por que, ainda assim, é preferível à despandemizar-se? A resposta oferecida é pela via da empatia: despandemizar-se não é romper um ciclo de cuidados para realizar tarefas necessárias à vida e ao sustento. Em casos menores, envolve reunirem-se familiares, e mesmo pessoas próximas, sem o esforço de criar o máximo de condições de entorno. O compartilhamento do tempo traz alento. Assim como afastar as *personas*, é um vínculo de confiança retirar as máscaras.

Despandemizar-se é violência por desconsiderar em elevado grau os cuidados de entorno, as recomendações sanitárias ou mesmo a aleatoriedade da ação do coronavírus. Despandemizado, o indivíduo afasta de si o próprio cuidado e o do outro, a possibilidade da ação do agente biológico sobre si ou sobre o outro. O afastamento é antiempático ao considerar a própria condição um parâmetro para as opções do outro.

O desequilíbrio acentua o peso sobre o pandemizado, tornando sua angústia ainda mais dolorosa. Por esse motivo, despandemizar-se constitui violência, empreendendo-se numa hiperatividade esvaziada de crise. Não sobrevirá o estresse pós-traumático, a busca pelo alívio. Todo o processo se perderá em alívios camuflados de violência ética, em tirar a máscara no meio da rua.

A despandemização será apontada como um suicídio. Suas dinâmicas, no entanto, resultam de uma angústia progressivamente fomentada por meio da desinformação e da antiempatia. Expostos à pandemia, pelo bem de si e no dissenso de todos, reconduzirão o *thauma* à superação da privação de pretensas liberdades de ir-e-vir. As violências seguirão silenciadas. A imoralidade da autoindulgência não contará os corpos e ignora as sequelas. A despandemização é, na verdade, um genocídio.

O *thauma* deveria nos acompanhar desde o início. A despandemização de coronavírus chegou outro dia e o *thauma* foi derrotado. A despandemização venceu o *thauma* para instaurar o **trauma**.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Classificação de risco dos agentes biológicos**. Disponível em : <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/classificacao_risco_agentes_biologicos_3ed.pdf>. Acesso em 10 de set. de 2020.

Coronavírus: OMS declara pandemia. **BBC News Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52657148>>. Acesso em 10 de set. de 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

O'CONNOR, Cailin; WEATHERALL, James Owen. **The misinformation age**. How false beliefs spread. New Haven: Yale University Press, 2019.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Organização, tradução e apresentação de Hilton Japiassú. 3 ed. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1998.

ZAFRA, Juan M. Coronavírus: “Estamos diante de ameaça de extinção e as pessoas nem mesmo sabem disso”, afirma sociólogo Jeremy Rifkin. **BBC News Brasil**. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52657148>>. Acesso em 10 set. de 2020.